



**\* FIXAÇÃO DE TEXTO**

Padre António Vieira,  
*Obra completa*  
(dir. José Eduardo  
Franco e Pedro  
Calafate), tomo II,  
vol. X, Lisboa, Círculo  
de Leitores, 2014,  
pp. 137-165.

## Sermão de Santo António\*

Pregado na Cidade de São Luís do Maranhão, ano de 1654

Este sermão foi pregado na sequência de conflitos com colonos portugueses e constituiu um documento de surpreendente imaginação, habilidade e poder crítico do Padre António Vieira, que toma os peixes como símbolos. Com uma construção argumentativa notável, a obra constitui um perfeito exemplo da arte de discursar. E nele tocou os aspectos essenciais da doutrina que mais eram necessários ao bem espiritual daquela terra, como facilmente se pode entender das alegorias.

### Capítulo I

*Vos estis sal terrae*<sup>1</sup> (Mt 5).

### Exórdio

"Vós", diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, "sois o sal da terra"; e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela, que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção?

Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina, que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os Pregadores dizem uma coisa, e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que eles dizem; ou é porque o sal não salga, e os Pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

Suposto pois que, ou o sal não salgue, ou a terra se não deixe salgar; que se há de fazer a este sal, e que se há de fazer a esta terra? O que se há de fazer ao sal, que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus* [Mateus 5, 13]. Se o sal perder a substância, e a virtude, e o Pregador faltar à doutrina, e ao exemplo, o que se lhe há de fazer é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevera a dizer tal coisa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência, e de ser posto sobre a cabeça<sup>2</sup>, que o Pregador, que ensina, e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo, e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra, ou com a vida prega o contrário.

Isto é o que se deve fazer ao sal, que não salga. E à terra, que se não deixa salgar, que se lhe há de fazer? Este ponto não resolveu Cristo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande Português Santo António, que hoje celebramos, e a mais galharda, e gloriosa resolução, que nenhum Santo tomou. Pregava Santo António em Itália na cidade de Arimino, contra os Hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o Santo, mas chegou o Povo a se levantar contra ele, e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta protesta, e uns pés, a que se não pegou nada da terra, não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao

<sup>1</sup> "Vós sois o sal da terra"

<sup>2</sup> em alto lugar, em alto conceito

tempo? Isso ensinaria porventura a prudência, ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito, e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias, deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer  
45 a altas vozes: "Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes". Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar, e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava, e eles ouviam.

50 Se a Igreja quer que preguemos de Santo António sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terrae*: é muito bom Texto para os outros Santos Doutores; mas para Santo António vem-lhe muito curto. Os outros Santos Doutores da Igreja foram sal da terra, Santo António foi sal da terra, e foi sal do mar. Este é o assunto, que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensa-  
55 mento que nas festas dos Santos é melhor pregar como eles, que pregar deles. Quanto mais, que o sal da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo António em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta Igreja, e noutras de manhã, e de tarde, de dia, e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito  
60 verdadeira, e a que mais necessária, e importante é a esta terra, para emenda, e reforma dos vícios, que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis, e eu por vós o sinto.

Isto suposto, quero hoje à imitação de Santo António voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão per-  
65 to, que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o Sermão, pois não é para eles. Maria quer dizer *Domina maris*: "Senhora do mar"; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria*.